

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DARA MANOELLI CECON
EDUARDA LAÍS FENNER**

**AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS:
PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DESSA LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**CHAPECÓ
2022**

DARA MANOELLI CECON
EDUARDA LAÍS FENNER

**AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS:
PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DESSA LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA**

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

,
AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS::
PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DO TEMPO NO ENSINO DE HISTÓRIA /
, Eduarda Laís Fenner, Dara Manoelli Cecon. -- 2022.
25 f.:il.

Orientador: Doutor Delmir José Valentini

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2022.

1. Fotografia, didática, história, ensino. I. Fenner,
Eduarda Laís II. Cecon, Dara Manoelli III. Valentini,
Delmir José, orient. IV. Universidade Federal da
Fronteira Sul. V. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DARA MANOELLI CECON
EDUARDA LAÍS FENNER

**AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS:
PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DESSA LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Pesquisa apresentado ao curso de
Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira
Sul, como requisito parcial para aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof^o. Dr. Delmir José Valentini

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 01/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Delmir José Valentini – UFFS

Orientador



Prof^a Dr. Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes

Avaliadora



Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli

Avaliador

AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS: PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DESSA LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dara Manoelli Cecon¹

Eduarda Laís Fenner²

RESUMO

Este artigo teve como objetivo evidenciar as contribuições e possibilidades didáticas da fotografia no ensino de História na Educação Básica, através do estudo de artigos acessados por meio dos portais da CAPES e SciELO. Apresenta ainda, uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) relacionada ao uso da fotografia no referido componente curricular, e dialoga com autores como Kossoy (2001), Reali (2017) Canabarro (2015) e Entler (2007), que abordam a temática em suas produções. Quanto aos resultados, destaca-se o uso da fotografia para representações de espaço e tempo, para contextualização e registro documental. Com base neste estudo, conclui-se que a fotografia enquanto linguagem apresenta diversas possibilidades, mas seu uso pedagógico ainda enfrenta algumas lacunas a serem consideradas, como a subjetividade social, cultural, moral, política e individual de cada sujeito.

Palavras-chave: fotografia; história; didática; ensino.

ABSTRACT

This article aimed to point the contributions and didactic possibilities of photography in the teaching of History in Basic Education, through the study of articles accessed through the CAPES and SciELO portals. It also presents an analysis of the National Curricular Common Base (BRASIL, 2018) related to the use of photography in the aforementioned curricular component, and dialogues with authors such as Kossoy (2001), Reali (2017) Canabarro (2015) and Entler (2007), who address the theme in your productions. As for the results, it evident the use of photography for representations of space and time, for contextualization and documentary record. Based on this study, it is concluded that photography as a teaching language presents several possibilities, but its pedagogical use still faces some gaps to be considered, such as subjectivity social, cultural, moral, political and individual of each subject.

Keywords: photography; history; didactics; teaching¹

¹ Dara Manoelli Cecon, Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. Email: daracecon@gmail.com.

² Eduarda Laís Fenner, Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. Email: duda_lais@live.com.

1 INTRODUÇÃO

Expressar-se é uma característica da subjetividade humana. Dentre elas, temos de maneira simplificada as linguagens conhecidas como não mistas, que segundo Fiorin (2013, p. 14), se manifestam de maneira específica, como a escrita, a pintura, as esculturas, e as mistas, isto é, as representações feitas pelo cinema com a junção de múltiplas imagens em movimentos, linguagem musical, visual, corporal e verbal.

Com o avanço constante da humanidade, as descobertas tecnológicas foram se tornando cada vez mais comuns. Não conceituamos as tecnologias como nos dias atuais, mas sim como cada descoberta feita pela humanidade no decorrer dos séculos. Com isso, cada povo construía sua forma de comunicação e expressão.

Desenhos rupestres, hieróglifos, hieráticos, demóticos, alfabetos, notas musicais, quadros, desenhos, fotografias, cinema e as narrativas orais são diferentes manifestações imagéticas criadas por diferentes desejos e necessidades, sejam eles estéticos ou comunicativos. (REALI, 2017, p. 51)

Portanto, o modo como nos comunicamos e entendemos a sociedade que nos cerca, também foi mudando. Segundo Maya (2008, p.107), “A história da fotografia está ligada à obstinação do homem em eternizar os momentos da vida, na busca por congelar o tempo [...]”. Ainda de acordo com o autor, mesmo depois de dois séculos do seu surgimento ela continua sendo utilizada e cada vez mais assume um papel importante na sociedade, tanto como fonte histórica quanto para a reflexão sobre a sociedade ao longo do tempo.

O trabalho de criar imagens, sejam rupestres ou uma fotografia de família, um filme ou alguma expressão literária, implica querer dizer algo do mundo, para o mundo ou para um pequeno círculo familiar, ou para um grupo acadêmico, ou para si quando apenas se quer “agarrar” um instante íntimo e pessoal, (REALI, 2017, p. 55).

Enquanto objeto de pesquisa, ocorre um processo em que a fotografia deixa de ser somente uma ilustração em anexo e passa a ser analisada. Assim, não podemos isolar as imagens de seu contexto, pois as interpretações fugiriam do foco principal. No âmbito educacional, as fotografias acrescentam possibilidades de interpretação distintas, enriquecendo e dando forma à didática durante as aulas, construindo a leitura de mundo de um modo dinâmico e crítico.

Tanto as imagens fixas quanto as em movimento são plausíveis de diferentes modos de leitura e interpretação, ambas servindo como fonte de objeto dos atuais estudos históricos. Elas constituem uma narrativa visual para a construção do conhecimento, nos dando a possibilidade de múltiplas interpretações de diferentes contextos históricos. (CANABARRO, 2015, p. 102)

No livro *Pedagogia da Autonomia* Paulo Freire nos mostra a importância de uma educação libertadora, de construir-se a partir do novo, correr riscos, refletir, criticar, tornar-se protagonista do próprio aprendizado. Uma educação problematizadora constrói sujeitos aptos a dialogar, refletir e tecer críticas sobre a realidade na qual está inserido. E nessa perspectiva trazer a fotografia para sala de aula como uma linguagem a ser explorada pelos estudantes, abre espaço para uma construção crítica e prazerosa de conhecimentos.

Diante dessa temática, a abordagem sistematizada neste artigo surgiu da curiosidade acerca da linguagem fotográfica e como é utilizada por professores do Ensino Fundamental, especialmente no ensino de história. Assumindo a fotografia não apenas como instrumento de registro, mas como discurso, que é por si só um meio de aprendizagem..

O estudo bibliográfico empreendido neste artigo, tem como fonte os trabalhos dispostos nos portais de periódicos da Capes e SciELO. Como levantamento preliminar foram analisadas as normativas que a Base Nacional Comum Curricular norteia acerca do uso da fotografia no ensino de história, dialogando com autores que abordam a temática em suas produções.

Os trabalhos selecionados foram encontrados utilizando como termos de busca: “ensino de história” e “ educação e fotografia”, gerando 20 resultados, que foram analisados e catalogados. Destes, foram selecionados somente os que trouxeram contribuições e possibilidades didáticas acerca do uso da fotografia para o ensino de história.

Para auxiliar a compreensão buscamos trazer para o artigo fotografias que exemplificam o uso e a importância dessa linguagem para o ensino de história, assim como conceitos de espaço e tempo. No intuito de mostrar que a história e a linguagem fotográfica não nos fornecem apenas conhecimentos pautados em acontecimentos que marcaram a humanidade, mas sim na própria vida do sujeito que irá observá-la e refletir sobre ela.

Considerando potencializar o uso da linguagem fotográfica em sala de aula, especificamente no ensino de história, esse trabalho buscou analisar a Base Nacional Comum Curricular, instrumento de uso obrigatório para a construção dos currículos, tanto na rede pública, quanto nas redes privadas de ensino, desde a Educação infantil até o Ensino Médio. Com enfoque principal ao Ensino Fundamental e ao que diz as normativas sobre a disciplina de história.

2 ENSINO DE HISTÓRIA E A FOTOGRAFIA COMO DISCURSO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular, é um documento normativo e que deve obrigatoriamente ser usado como referência na construção do currículo de toda a Educação Básica. Ao olharmos para ela, especificamente para a área de Ciências Humanas do Ensino Fundamental, observamos que a disciplina de história tem como um de seus objetivos a construção do sujeito, quando passam a entender o seu lugar e o lugar do outro no mundo, construindo sua autonomia e os princípios da cidadania. Essa construção acontece através das vivências do cotidiano, seja no contexto familiar, escolar ou na comunidade.

A construção da disciplina de história está ancorada a partir do que a sociedade está disposta a compartilhar com as gerações futuras, portanto

As definições de conteúdos históricos escolares envolvem também as demandas relacionadas aos poderes constituídos, nesse sentido definir o que se ensina na disciplina de história caracteriza-se antes de qualquer coisa por disputas em torno da memória e constituição da nação e de seus sujeitos. Cada sociedade marca e reproduz passados ancorados na história que os contam. Todas as culturas necessitam de um passado, mas nem sempre este passado é aquele referendado pela investigação histórica. (CAINELLI, 2010, p. 18)

De acordo com a BNCC (2018, p. 397), todo conhecimento do passado é também do presente, narrados por vários sujeitos de acordo com a interpretação e a análise subjetiva. Faz parte do processo de construção do conhecimento histórico a análise dos fatos e das diversas narrativas. Os conhecimentos sobre o passado são os que dão a base para os acontecimentos e ensinamentos do aprendizado presente.

A história, por sua vez, não se constrói através de um objeto concreto, mas sim, da interpretação e análise de contextos subjetivos que a construíram, apurando os fatos e procurando desvendar a vida através do uso dele, buscando a criação de uma narrativa sobre determinada época e sociedade.

A história não emerge como um dado ou um acidente que tudo explica: ela é a correlação de forças, de enfrentamentos e da batalha para a produção de sentidos e significados, que são constantemente reinterpretados por diferentes grupos sociais e suas demandas – o que, conseqüentemente, suscita outras questões e discussões. (BRASIL, 2017, p.397)

Como em um sistema crescente, a história não se limita a um grupo específico da sociedade, mas parte de pequenos grupos, e ao longo dos estudos e do tempo vão se

complementando de forma a explicar a história da humanidade como um todo, ou seja, uma junção de variáveis que definem aspectos e resoluções de problemas do presente, superando questões que já haviam sido pautadas historicamente, que dizem respeito a cultura, religião e política de um povo.

Durante a construção do ensino de história, é importante que o professor tenha em mente a amplitude de estratégias, métodos, documentos e objetos que podem auxiliar na contextualização das variáveis de certo período histórico.

Segundo a BNCC (2018, p. 398) um laboratório de memórias voltado para a produção do saber histórico.

A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar. Por meio dessa prática, docentes e discentes poderão desempenhar o papel de agentes do processo de ensino e aprendizagem, assumindo, ambos, uma “atitude historiadora” diante dos conteúdos propostos, no âmbito de um processo adequado ao Ensino Fundamental.(BRASIL, 2018, p. 398)

O componente curricular de história tem a capacidade de estimular a curiosidade sobre o passado para se explicar o presente, de modo que, quando são instigados, a partir de uma metodologia dinâmica os alunos se tornam protagonistas da pesquisa histórica. Assim, a cada resposta encontrada, surgem outras tantas perguntas, resultando na construção de sujeitos críticos sobre a sociedade e seus acontecimentos.

Distinguir contextos e localizar processos, sem deixar de lado o que é particular em uma dada circunstância, é uma habilidade necessária e enriquecedora. Ela estimula a percepção de que povos e sociedades, em tempos e espaços diferentes, não são tributários dos mesmos valores e princípios da atualidade. (BRASIL, 2018, p.399)

Um dos objetivos dos currículos, segundo a BNCC (2018, p. 398), é a autonomia de reconhecer que as ações dos indivíduos se dão através do tempo histórico e lugar onde estão inseridos na sociedade, que condizem com sua conduta. Saber que existem múltiplas interpretações de um mesmo período instiga a criticidade dos indivíduos.

A comunicação entre passado e presente está amparada pelos objetos históricos e registros documentais que ajudam a promover uma vivência da história de forma integral e ampla, partindo da adesão de linguagens que falam do mesmo período. Exemplo disso, são as reportagens e as fotografias datadas da ditadura militar brasileira (1964 - 1985).

Após dialogar com as experiências históricas de determinado período, considera-se que o estudante garanta sua própria interpretação com embasamento em fatos históricos estudados, não apenas com leituras, mas quando possível, com objetos de fontes diversas. A partir disso espera-se que:

O conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar, entre várias; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. (BRASIL, 2018, p. 401)

Com o avanço das tecnologias, o acesso à informação facilitou a adesão de novas experiências em sala de aula, trazendo novas possibilidades metodológicas que não se detenham somente em aulas com textos, escrita e imagens tratadas apenas como ilustrações. Se fazendo cada vez mais necessário para a construção do sujeito, seu senso crítico e a capacidade de construir reflexões acerca da sociedade na qual vive.

Para auxiliar nessa construção subjetiva dos indivíduos, temos à disposição diversas fontes e recursos. Portanto, cabe aos docentes e à escola buscar novos métodos que amparem essa necessidade de conhecimento, de reflexão e vivências. Visto que, a construção da sociedade é composta por fragmentos históricos de cada povo, cada organização, espaço, tempo, cultura, por cada indivíduo.

Canabarro (2015, p.108), ressalta que a “imagem sempre é múltipla, ou seja, permite uma gama variada de interpretação”. Junto a outras linguagens, quantas interpretações surgiriam da curiosidade sobre aquele contexto. O professor, por sua vez, atua como um mediador, conduzindo às reflexões.

Segundo Canabarro (2015) a fotografia foi utilizada por muito tempo como mera ilustração pelos historiadores que não consideravam o seu potencial dentro do ensino. Na dinâmica das interpretações, a fotografia passa a ser um novo objeto de estudo e análise, deixando de ser apenas uma ilustração.

A fotografia, como suporte para a memória social, indica a possibilidade de sua exploração e leitura sistemática para servir como fonte e objeto de estudos . (CANABARRO, 2015. p 107- 108).

A utilização da fotografia como linguagem e fonte de estudo vem sendo adotada no ensino de História, abrindo a possibilidade de se constituir em um importante instrumento de problematização de temas apontados nos currículos e planos de ensino. Conceitos de tempo,

entre outros, mostram como a evolução na elaboração das imagens também foi possibilitando novos objetos e descobertas.

3. TRAJETÓRIA DA FOTOGRAFIA: DA IMAGEM AO OBJETO DOCUMENTAL

O período pós Revolução Industrial, foi marcado por grandes invenções e descobertas científicas, entre elas a fotografia, que a partir de seu descobrimento mudou por completo a percepção de mundo que as pessoas tinham até então, pautadas em registros escritos e falados. Pois segundo Kossoy (2001) a realidade passou a ser registrada através da fotografia.

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera. (KOSSOY, 2001, p. 26).

A partir do surgimento e apropriação desse mecanismo, tudo passou a ser registrado, a fotografia tornou-se um documento fundamental para a história que conhecemos. Kossoy (2001) destaca que desaparecem os personagens, os cenários, e por fim os sobreviventes são os documentos que mantêm a história viva, sejam eles escritos ou fotográficos.

Os documentos fotográficos como fonte de conhecimento são uma possibilidade metodológica riquíssima na sistematização de informações através do estudo e da pesquisa. Todo indivíduo é levado a fotografar por um fator que o motiva a congelar aquele momento ou ambiente em determinada circunstância. A fotografia não se faz sozinha, ela precisa de seu autor e através dele, a história que se quer registrar, sendo numa perspectiva pessoal ou documental.

O produto final, a fotografia, é portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia. (KOSSOY, 2001, p 37).

Contudo, não podemos conceituar a fotografia documental como apenas um registro de um momento isolado, sem considerar os fatores essenciais que fizeram parte do contexto, as condições sociais, econômicas da época e a intencionalidade.

Estamos habituados a ver em nosso cotidiano as reproduções feitas a partir de um documento original, geralmente esse, passa por um processo de contestação, evitando a manipulação e falsificação e só então detém um valor museológico. As reproduções, por sua vez, foram nomeadas segundo Kossoy (2001) como objeto- imagem, que assim como o original detém a história da mesma forma, mas não com o mesmo valor técnico.

O fotógrafo passa a ser designado, segundo Kossoy (2001) como um “filtro cultural”, pois é a partir da sua leitura de mundo que ele capta as imagens, seus contextos e sua ideologia acaba transparecendo nas imagens. A sensibilidade e a bagagem cultural influenciam nessa percepção de mundo.

Para o ensino, a fotografia é uma linguagem importante à disposição dos docentes que buscam inovar em suas aulas, através de metodologias distintas. Claramente as fotografias trouxeram novas possibilidades para pesquisa e ensino através dos mais variados contextos e assuntos.

Enquanto recurso didático, a fotografia ganhou uma notória importância nos últimos anos. Com a internet, através de uma pesquisa os indivíduos encontram diversas fontes e informações sobre os mais variados conceitos, e entre essas informações estão as imagens.

A construção de conhecimentos através da fotografia segundo Mauad e Lopes (2012) se dá pelo cruzamento entre a imagem e a história, e desse modo a fotografia torna-se uma espécie de comprovação do fato escrito, uma testemunha. Dentro desse cruzamento entende-se a fotografia como uma ação que não é neutra, e sim possui uma intencionalidade na leitura de seu autor/fotógrafo.

Para compreender melhor a importância da fotografia pensaremos na história de Francesc Boix, um fotógrafo e ex-combatente da Guerra Civil Espanhola que acabou virando prisioneiro em Mauthausen, um dos maiores campos de concentração nazista.

Durante o tempo que esteve preso registrou muitas atrocidades. Tornou-se conhecido, pois assim que os nazistas cogitaram a derrota na guerra foram em busca de eliminar qualquer prova, documento, fotografia sobre os acontecidos, Boix escondeu os filmes fotográficos pelo campo, permitindo que o mundo visse a realidade em que viveram.

Figura 1: Prisioneiros em Mauthausen



Fonte: Francisco Boix (1939 - 1945)

Atualmente ao falarmos na Segunda Guerra Mundial, imediatamente pensamos nas milhões de mortes que aconteceram nos campos nazistas. Com o auxílio de fotografias, podemos refletir sobre a sociedade e os limites da capacidade humana, permitindo a criação de mecanismos para que tal crueldade não venha a se repetir.

Para a construção de conceitos históricos, a fotografia possibilita duas leituras e interpretações específicas, a primeira sendo a “Imagem/ Documento” e segunda a “Imagem/ Monumento” sendo elas caracterizadas no primeiro caso,

Considera-se a fotografia a marca de uma materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Como documento e monumento, a fotografia informa e também conforma visões de mundo. (MAUAD; LOPES, 2012, p. 264).

Essa consciência historiográfica fez com que os campos de pesquisa se ampliassem além da história escrita e falada, mas também para aquilo que os olhos viam e interpretavam. A linguagem visual tornou-se um recurso atemporal de busca por respostas.

A valoração cultural da experiência sensível em relação ao mundo interfere de forma direta na maneira como as fotografias são compreendidas, seja como fonte, seja como objeto dos estudos históricos. (MAUAD; LOPES, 2012, p. 264)

A fotografia como possibilidade didática abre um horizonte vasto de caminhos a seguir. Diante disso, além de levar em consideração o contexto histórico a ser abordado e quais respostas estão sendo buscadas, devemos atentar também para a realidade na qual o estudante está inserido e de que forma esse recurso irá impactar na sua vida.

A fotografia como uma linguagem que conta a história, faz um adendo à possibilidade de descoberta nas mais diversas áreas, não se limitando a uma específica. Quando se trata de pensar metodologias didáticas para o ensino, em primeiro lugar é preciso visualizar o contexto educacional em que serão aplicadas, ou seja, como são as relações entre educador e educando dentro da sala de aula.

Segundo Entler (2007), a fotografia é um recorte de tempo e espaço, visto que, segundo ele, pertence ao passado, pois é para ele que olhamos para entender a história. Dessa forma, na busca por esse passado não podemos considerar a fotografia como um objeto morto, mas sim um documento, um fragmento de tempo intacto que

Ao contrário do cinema, não há quanto ao tempo um apelo de analogia, porque a imagem fotográfica não se transforma ao longo de uma duração, ou seja, o tempo não age nela como age no mundo. (ENTLER, 2007, p. 31)

Como vimos anteriormente, a fotografia sem um contexto não passa de um recorte que pode ser permeado por diversas interpretações. Para de fato ser considerada um documento histórico, ela precisa estar amparada por estudos acerca da época, inquietações e percepções, respondendo a questionamentos simples, como as circunstâncias que levaram a esse registro, sua intenção, o espaço e tempo em que aconteceu.

Esses questionamentos abrem uma gama de possibilidades didáticas a serem discutidas no estudo de períodos históricos através das fotografias. Um exemplo que podemos trazer à tona para iniciar uma discussão, é a percepção de tempo que os alunos têm ao analisar a seguintes imagens:

Figura 2: Percepção de tempo:



Reprodução: Site UOL - Aventuras na história, 2021

De fato essas imagens são conflitantes, pois apresenta três pessoas conhecidas, de origens diversas e de países de realidades sociais e culturais também distintas. A menina Annelies Marie Frank, era judia e ficou conhecida pelos seus diários que relatam episódios vividos por ela e sua família durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 - 1945. Posteriormente à guerra, morreu de febre tifóide pelas condições fisiológicas e sociais que se encontrava.

Ao centro temos Fernanda Montenegro, atriz e escritora brasileira, considerada uma referência para o cinema brasileiro, ganhadora de diversos prêmios por suas atuações. Em 2022 completará 93 anos. Na terceira fotografia aparece um homem, Martin Luther King Jr, ativista político e pastor negro que lutou pelos direitos civis, contra a segregação racial, pela igualdade até o ano de 1968, quando foi assassinado por arma de fogo. Entre as causas do seu assassinato está o ódio, a intolerância, a perseguição e o racismo.

São três personagens como outros tantos, que viveram em espaços e contextos diferentes, em tempos próximos, mas com vivências distintas. As fotografias conduzem ao sentimento de que viveram em tempos bem diferentes, porém, em comum está o ano de 1929, mesma marcação para o nascimento dos três. Porém, a forma como aparecem nas fotografias permite diferentes interpretações no modo de perceber similaridades e diferenças, entre estes e outros sujeitos que as fotografias nos permitem observar a partir da construção propiciada pelas imagens acessadas.

Entre possíveis análises, partindo da observação das três fotografias apresentadas e que datam de um mesmo tempo, estão as perspectivas e historicidades distintas, as realidades sociais e culturais que divergem a partir da sua constituição histórica. Numa sala de aula é

possível problematizar o tempo da produção fotográfica e conduzir diversos assuntos históricos importantes que, via de regra, acontecem no mesmo período histórico.

4 A FOTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Pensando na Base Nacional Comum Curricular, que foi criada para auxiliar os docentes em suas práticas, possibilitando um currículo nacional comum em parte, e diversificado dentro das especificidades regionais do Brasil.

Quando observamos formas e metodologias de ensino, percebemos que as mesmas não constam no documento, não há um manual pronto de como se deve ensinar pois isso parte das estratégias abordadas pelos professores a partir de cada tema. Portanto, são múltiplas as possibilidades que auxiliam como recurso didático para a apresentação dos conteúdos.

Nesse contexto, o uso da fotografia como linguagem contribui para a percepção dos diferentes aspectos sobre o mundo, ressaltando os diferentes pontos de vista sobre o mesmo momento a ser registrado. Como afirma Belmiro

Sabe-se, igualmente, que o que se vê é tradução de um modo de organização do olhar, que, de tempos em tempos, sofre influências das revoluções técnicas e cria novas formas de apropriação do visível, uma lógica sempre precária, porque presa a um conjunto de fatores históricos, sociais, científicos. Dessa forma, a imagem, por sua própria natureza, é mediática e, portanto, é representação. (BELMIRO, 2000, p. 16).

A humanidade passa a ser entendida como junção de vários fragmentos históricos que se constituem e formam os povos e culturas e, principalmente, os indivíduos. Na subjetividade dos indivíduos apontamos as possibilidades de pensar sobre os temas determinados para utilização durante as aulas.

O professor tem como função social ser agente precursor de mudanças, para isso, precisa conhecer a realidade dos alunos pois “a ênfase nos conteúdos instrumentais não se desvincula da realidade concreta dos alunos” (SAVIANI, 2011, p. 71) e a partir dela podemos entender a importância do assunto trabalhado para o mesmo.

Os sujeitos são protagonistas do seu processo formativo e de construção humana coletiva. Também surge o conhecimento de si mesmo, enquanto fonte didática, pode apontar possibilidades para o indivíduo refletir sobre as suas origens e construir conceitos de espaço e tempo com mais facilidade.

Segundo Rego (2014), entende-se que o aprendizado inicia antes mesmo dos sujeitos

ingressarem no meio escolar, e que o aprendizado escolar introduz novos elementos em seu desenvolvimento. Todo indivíduo é um ser que deixa suas marcas pelo tempo a partir do seu nascimento, e as fotografias têm o poder de mostrar aspectos desta história.

Buscando possibilidades, apontamos um exemplo, a partir da fotografia que segue:

Figura 3 - Criança sorrindo



Arquivo pessoal das autoras. (1998)

A fotografia pertence ao acervo das autoras e podemos observar o contexto em que foi produzida. No centro da imagem aparece uma bebê sorrindo, de pé num berço. Está vestida de modo a se perceber que não estava dormindo, mas pronta para sair dali, talvez passear. Alguém está perto e fotografou, o momento é de alegria.

No plano de fundo uma casa simples de madeira, percebemos que se trata de uma menina por estar de vestido, traço de aspecto cultural denunciado pelas cores e formas, entre outras tantas possibilidades que a fonte pode apresentar.

Muitas são as possibilidades, e o ponto de partida é uma fotografia produzida no ano de 1998, para registrar o crescimento dessa criança, nascida em 1997 e aqui apontamos aquilo que a fonte, partindo de uma fotografia pode nos permitir com muito vigor, ou seja, a problematização do tempo: o que estava acontecendo no mundo no ano de 1997? Em que trabalhavam os pais da criança fotografada? Onde viviam? Entre outras tantas indagações sobre o espaço e, principalmente, o tempo.

Entre outras coisas importantes, 1997 foi o ano em que os cientistas obtiveram sucesso e conseguiram clonar o primeiro mamífero, a Ovelha Dolly. O mundo parou com a morte da

princesa da Inglaterra Diana. Foi o ano de lançamento da franquia Harry Potter, entre outros pontos marcados para este tempo, sem esquecer pontos referentes aos sujeitos próximos ou distantes desta criança.

Enfim, através destas e de outras possibilidades de percepções de espaço, tempo e da assimilação de alguns conceitos, gradativamente se iniciam as construções teóricas e as escolhas dos contextos históricos a serem trabalhados, pois precisam estar seguindo um parâmetro estabelecido pelos currículos e adaptados para cada faixa-etária.

Despertar a curiosidade das crianças de forma lúdica através da fotografia pode ajudar a despertar a curiosidade e isso venha contribuir na construção do conhecimento. Em uma aula de história, cujo tema será a Segunda Guerra Mundial, a imagem abaixo pode ser usada como problematização inicial, os estudantes precisam observá-la e refletir sobre a mesma:

Figura 4: Câmara de gás



Parte interna de uma câmara de gás em Auschwitz- Autor desconhecido

A partir da observação irão pontuar o que acreditam que seja imagem. Depois de um tempo de reflexão, o docente revela que essa imagem apresenta a parte interna de uma câmara de gás, no campo de concentração em Auschwitz e que as marcas nas paredes são arranhões das pessoas que ali foram assassinadas, principalmente judeus.

De fato, essa imagem sem um olhar atento e informações sobre sujeitos que aparecem (fotógrafo e espaço fotografado), poderia expressar pouco, porém, quando contextualizada e pelo conhecimento histórico, poderá trazer olhares diferentes aos alunos, promovendo reflexões sobre o tema em si, mas também sobre a capacidade humana de cometer atrocidades e os motivos que levaram a tanto.

A autora Ana Isabel Sousa Dias fez inúmeras intervenções como essa em suas aulas de história, a fim de mostrar aos alunos algo concreto, possibilitando problematizações acerca de determinado tempo histórico. Para analisar uma obra, por exemplo, Dias (2012) se baseou em três questões: “O que se está a passar/acontecer? O que vêes que te leva a afirmar isso? O que mais podemos observar?”

Após a reflexão coletiva, Dias (2012, p.57) destaca que ao avaliar a sua prática teve um retorno positivo dos alunos, eles também pontuaram a importância dessa dinâmica para a compreensão e “visualização das situações e condições de vida para melhor se compreender os assuntos históricos, tornando, deste modo, a fotografia num facilitador da aprendizagem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrando a fotografia como uma linguagem capaz de possibilitar aos docentes uma prática inovadora, que cativa e torne mais visível as relações entre tempo e espaço de determinado contexto histórico, esta pesquisa buscou entrelaçar as discussões acerca de seu uso, suas práticas já experienciadas em sala de aula e o que a Base Nacional Comum Curricular aponta sobre este recurso para o componente curricular de história.

Desde a pré- história, muito antes do surgimento da fotografia, o ser humano registrava as suas vivências através dos desenhos, feitos com sangue de animais. Os quais perduram até a atualidade, carregados de interpretações. Era a forma como o homem se organizava e registrava sua existência.

Com o passar do tempo as técnicas foram evoluindo junto com a sociedade, das pinturas nas paredes das cavernas, às óleo sobre tela, e então a fotografia, apesar de datarem tempos e espaços distintos, ambas têm em sua estrutura o fomento para contar a história da época na qual foram pensadas e desenvolvidas.

Os indivíduos têm a necessidade de expressar suas emoções, e fazem isso através das múltiplas linguagens existentes, o que abre uma lacuna sobre a subjetividade do ser humano ao criar algo, quais eram seus objetivos, qual era a história que se queria contar através da sua criação, e de que forma as outras pessoas irão interpretar a mesma.

Como visto anteriormente, uma fotografia sem um contexto que a explique, trás a tona as mais diversas interpretações, desse modo alguns fatores se fazem importante a utilização desse recurso, sendo o principal a subjetividade individual do fotógrafo, quais eram seus objetivos ao capturar aquele espaço e tempo, em qual momento da história aconteceu a captura, quais os ângulos e porque aquela paisagem, pessoa em específico, as fotografias

acabam se tornando um fragmento, uma peça de um grande quebra-cabeça.

A Base Nacional Comum Curricular, aponta que a história percorre as gerações, mas ela é delimitada a partir do que de fato os indivíduos querem passar para frente, mais uma vez encontramos a lacuna entre a história e a subjetividade da sociedade em cada contexto, seja por causas econômicas, sociais, culturais, muitas informações acabam se perdendo.

A fotografia como uma mera ilustração pode até servir de pontapé inicial de certa discussão, mas sem o seu contexto histórico pautado, ela por vezes, é nula. Para Reali (2017), as imagens tem muito sobre seu criador, mas também de quem a observa e tenta decifrá-la, afirma ainda que:

Entre quem a produz e quem apenas a olha, cria-se um campo de forças cujos deslocamentos são difíceis de prever: suas escolhas, suas emoções, sua história ou seus sonhos e seus amores poderão resultar em estranhas composições. (REALI, 2017, p.78).

É fato que analisamos as imagens a partir das concepções que temos de modo que é papel do professor instigar a problematizar cada imagem, promovendo as capacidades perceptivo-visuais e por consequência a alfabetização visual.

No contexto da sala de aula, muitas fotografias estão impressas nos livros didáticos, mas percebemos que o uso que se dá a elas é resumido a uma análise superficial, tão superficial que os professores não percebem que representações estão sendo construídas na mente de seus alunos.

É importante lembrar que cada fotografia carrega um contexto, um olhar e mesmo que sendo quase imperceptível, elas têm a capacidade de construir nas mentes dos aprendizes conceitos e pré conceitos. Porém, quando a fotografia é problematizada esse processo não ocorre, pois refletimos sobre a imagem, seu tempo histórico, o lugar que aquelas pessoas ocuparam e ainda ocupam no mundo.

Por isso, ressaltamos que a fotografia tem um discurso, dependendo do modo como a vemos podemos interpretá-la com diversos olhares, sempre buscando problematizar o que ela tem a nos dizer. Também faz-se necessário refletir sobre as práticas de ensino na realidade escolar do Brasil.

Pensando se na realidade escolar os professores utilizam o que Freire (1997) chama de educação libertadora, em que tratam seus alunos como protagonistas de sua aprendizagem ou se a educação é do tipo bancária, em que o papel do professor é transmitir conteúdos e o papel do aluno é ser receptor passivo. Partindo desse pressuposto, é possível ver na fotografia uma

grande aliada metodológica da prática libertadora, pois ela possibilita uma viagem exploratória através do espaço e tempo.

O fato de tal metodologia não estar explícita nos documentos norteadores da educação não impediu seu uso, pois assim como sugere a BNCC, cada professor precisa buscar possibilidades didáticas que facilitem o ensino. Por fim, concluímos que esta linguagem, além de facilitar a aprendizagem ajuda a formar cidadãos críticos e reflexivos pois instiga a problematização, o pensar sobre os diversos pontos de vista e história sobre um mesmo momento retratado.

Com isso, não buscamos encerrar os estudos sobre este tema, pelo contrário, pretende-se partir deste ponto para buscar ainda mais sobre as mais diferentes possibilidades da utilização das fotografias em finalidades didáticas e, principalmente, a riqueza de contribuições acerca de estudos sobre o tempo.

REFERÊNCIAS

CAINELLI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em história.** Coleção: explorando o ensino. História. Volume 21. Disponível em:
<https://docplayer.com.br/17091035-Colecao-explorando-o-ensino-volume-21-ensino-fundamental.html>. Acesso em 20/03/2022.

CANABARRO, Ivo Santos. "**Fotografia e História: Questões Teóricas E Metodológicas.**" Visualidades (Goiânia, Brazil) 13.1 (2015): Visualidades (Goiânia, Brazil), 2015, Vol.13 (1). Web.

CELIA ABICALIL BELMIRO, 22., 1999, Caxambu. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português.** Caxambu: Educação e Sociedade, 2000. 21 p. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/cyzHV8Vj4WkvKc7RC4G69DS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **Fotografia e História Regional.** Estudos Sociedade e Agricultura: Pronex, São Paulo, p. 208-2015, 10 abr. 1998. Disponível em:
<file:///C:/Users/Dara/Desktop/Fundamenta%C3%A7%C3%A3o%20TCC/10.%20Fichamento.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. 153 p. Disponível em:
<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/DermevalSaviani-Pedagogiahistorico-criticaprimeirasproximas11edrevisada1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

DIAS, Ana Isabel Souza. **A Fotografia no Ensino da História.** 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Porto, Portugal, 2012. Disponível em: Ana Isabel Sousa Dias. Acesso em: 20 jun. 2022.

ENTLER, Ronaldo (2007). **A fotografia e as representações do tempo.** Galáxia, 14),29-46.[fecha de Consulta 27 de Junio de 2022]. ISSN: . Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641240002>.

FREITAS, Antonio Carlos de. **Fotografia, Ciência e Educação.** Sustainere, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 328-330, jul. 2016. Mensal. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.12957/sustinere.2016.26965>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p. Disponível em:
https://moodle-academico.uffs.edu.br/pluginfile.php/626368/mod_resource/content/1/GIL%20Antonio%20Carlos.%20Como%20elaborar%20um%20projeto%20de%20pesquisa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/468802944/Boris-Kossoy-Fotografia-Historia-Atelie-Editorial-2012-pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos. História e Imagem. In: CARDOSO, Ciro Flamarion *et al* (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 263.

MAYA, Eduardo Ewald. **Nos passos da história:: o surgimento da fotografia na civilização da imagem**. Discursos Fotográficos, Londrina, v. 4, n. 5, p. 103-129, jul. 2008.

REALI, Noeli Gemelli. **A desobediência menor: rotas de fuga: cinema e infâncias**. 2017. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:
https://moodle-academico.uffs.edu.br/pluginfile.php/525119/mod_resource/content/1/NOELI%20tese%20pdf%20impress%C3%A3o.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. **A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa**. 2005. 30 v. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005. Cap. 30. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 25 jan. 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso querido orientador, Professor Doutor Delmir José Valentini, por dentre tantas ocupações, aceitar nos orientar para que essa pesquisa pudesse ser realizada. Por toda a paciência e calma nos momentos de angústia, por ser nosso norte quando nos sentimos perdidas.

Aos professores presentes na banca de defesa Prof. Dr. Bruno Antônio Picoli e Profª Dr. Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes, que com suas contribuições nos auxiliaram na finalização deste trabalho, e nos abriram caminhos para novas perspectivas. Somos gratas pela partilha de conhecimento.

A professora e ex-colega de curso Daniela Lazaretti, que nos auxiliou nas correções deste trabalho, nos questionando como leitora, e nos fazendo refletir sobre nossas abordagens. E por ser ombro amigo nos momentos de angústia.

Aos nossos familiares, amigos e colegas, pelo apoio prestado durante o percurso de construção desse trabalho.

A todos os docentes que ao longo de nossa jornada acadêmica auxiliaram na nossa construção como sujeitos críticos e reflexivos, com certeza cada aula nos ajudou a chegar até aqui.

E a nós, Dara e Eduarda pelo companheirismo, empatia e compreensão ao darmos as mãos nessa construção e durante todo nosso processo formativo.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CHAPECÓ

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC Nº 1/2022 - CCLP - CH
(10.41.13.21)

Nº do Protocolo: 23205.024967/2022-08

Chapecó-SC, 09 de agosto de 2022.

**ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA
DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ao primeiro dia do mês de agosto de dois mil e vinte e dois, às 16 horas, pelo Sistema Cisco Webex Meetings, sala virtual <https://uffs.webex.com/meet/valentini>, reuniu-se a banca avaliadora do Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos docentes Prof. Dr. Delmir José Valentini (Presidente da Banca e orientador), Profa. Dra. Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes (Membro da Banca) e Prof. Dr. Bruno Antônio Picoli (Membro da Banca) para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia Licenciatura das acadêmicas **Dara Manoelli Cecon e Eduarda Laís Fenner** sob o título, "As fotografias enquanto possibilidades didáticas: problematizações acerca do tempo no Ensino de História". A concordância quanto aos termos da ata da professora Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes está em anexo.

O trabalho foi considerado: (X) aprovado () não aprovado

Comentários da banca (observações e/ou recomendações): a banca recomenda que sejam avaliadas e consideradas as sugestões e indica a publicação em periódico, bem como, este texto seja socializado a grupos de docentes.

(Assinado digitalmente em 11/08/2022
14:57) BRUNO ANTONIO PICOLI

COORDENADOR DE CURSO - TITULAR
CCLH - CH (10.41.13.19)
Matrícula: 1941483
(Assinado digitalmente em 09/08/2022
19:17) DELMIR JOSE VALENTINI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ACAD - CH (10.41.13)
Matrícula: 1768122



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIVISÃO DE BIBLIOTECAS

Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, Chapecó-SC, CEP 89815-899, 49 2049-3128
prograd.dbib@uffrs.edu.br, www.uffrs.edu.br

TERMO DE PERMISSÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO

TCDA nº ____/UFFRS/2022_

1 DADOS PESSOAIS DAS AUTORAS

Nome: Dara Manoelli Cecon

CPF: 100.164.899-42 **E-mail:** daracecon@gmail.com

Celular: (49) 9 8892 4983

Vínculo do Autor com a Instituição: () Docente () Técnico Administrativo

(x) Acadêmico **Campus:** Chapecó

Nome: Eduarda Laís Fenner

CPF: 100.571.629-30 **E-mail:** duda_lais@live.com

Celular: (49) 9 8431 9212

Vínculo do Autor com a Instituição: () Docente () Técnico Administrativo

(x) Acadêmico **Campus:** Chapecó

2 TIPO DE DOCUMENTO

(x) **Texto** (deve ser enviado em PDF-A) Assinale abaixo o tipo de texto do documento () Tese () Dissertação () Monografia () E-book (x) **Artigo científico**

() Artigo de periódico () Artigo de evento () outro. Qual? _____ ()

Áudio (deve ser enviado em MP3) () **Vídeo** (deve ser enviado em MOV)

() **Imagem** (deve ser enviado em TIFF ou JPEG)

**Título: AS FOTOGRAFIAS ENQUANTO POSSIBILIDADES DIDÁTICAS:
PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DESSA LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA**

2.1 Em caso de Tese ou Dissertação, informe:

Programa de Pós-Graduação Instituição: Agência de Fomento: () CAPES () CNPq ()
FAPESC Outra: _____

2.3 Em caso de Trabalho de Conclusão de Curso, informe:

Curso: Licenciatura em Pedagogia

Campus: Chapecó

3 PERMISSÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO

- (x) Total
() Restrito
() Embargo. Quantos anos? _____

Em caso de acesso restrito ou embargo ao documento, faz-se necessário a apresentação de documento que comprove a pesquisa envolvendo patentes, segredo industrial ou uma futura publicação (ex: carta de aceite de artigo em periódico científico; memorando do orientador informando que a pesquisa envolve segredo industrial).

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho citado, em consonância com a Lei nº 9610/98, **autorizo** a Biblioteca da UFFS a disponibilizar gratuitamente, por tempo indeterminado, em sua fonte de informação institucional on-line, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria. Também concedo à biblioteca, a escolha do formato de disponibilização do conteúdo que julgar ser o mais adequado, para possibilitar seu acesso por meio de áudio, visualização, leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada. Quaisquer medidas judiciais ou extrajudiciais concernentes ao conteúdo serão de minha inteira responsabilidade.

Chapecó, 15 de Agosto de 2022

Dora Mameelli Leion

Eduarda Baís Fenner

Assinatura das Autoras